

[POESIA]

MEMORABILIA BIRÍNTICA

Diogo Marques

[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Paraná **B**

ABC
projetos culturais

MEMORABILIA BIRÍNTICA



Ficha Técnica

Autor

Diogo Marques

Coordenação editorial

Alessandra Pirroncello Bucholdz/
ABC Projetos Culturais

Coordenação de produção

Arte Telúrica
Conceito – Gestão Cultural
Dali Projetos Criativos

Revisão

Luiz Fernando Cheres

Supervisão gráfica

Dyego Marçal

Editoras assistentes

Ana Maria Bourguignon de Lima
Thaísa Cunningham Gomes

Editado por ABC Projetos Culturais

Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610
e-mail: adm@abcprojetos.com.br
WhatsApp: (42) 99839-4207
@abcprojetosculturais

M357 Marques, Diogo
Memorabiliabirintica/ Diogo Marques. Ponta Grossa: ABC
Projetos Culturais, 2025. Coleção Outras Palavras.
54p.

ISBN: 978-65-86870-85-5
ISBN: 978-65-86870-95-4 (e-book)

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Paraná. 4. Memória. 5.
Identidade. I. T. II. Coleção Outras Palavras.

CDD: B869.2

Esta obra foi selecionada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC-PR) no Edital de Concurso nº 005/2020, Outras Palavras – Prêmio de Obras Literárias. A editora ABC Projetos Culturais foi escolhida pela SEEC-PR, por meio do Chamamento Público nº 011/2023 - Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias, para realizar a publicação, conforme critérios previamente estipulados. O conteúdo publicado na obra é de inteira responsabilidade de seu(s) organizador(es) e/ou autor(es).

MEMORABILIA BIRÍNTICA

Diogo Marques

aos mestres Paulo Leminski e Arnaldo Antunes,
que me conduziram ao caminho dos espantos,
e ao amigo e professor Edival Perrini,
que acreditou em mim desde o princípio.

[A.PRESENTE.AÇÃO]

Neste livro o leitor encontrará um amontoado de frases, fragmentos, retalhos de ideias esquecidas, trechos de poemas reescritos, versos inacabados e pedaços soltos de fazeres poéticos semeados ao longo de quase três décadas de trilhas trilhadas e desconjuntamente compilados em obra única, dividida em seções que carregam os títulos de outras quatro obras, concebidas no tempo próprio das coisas, porém jamais publicadas. Aos que se aventurarem adiante neste terreno impreciso recomenda-se abandonar GPS, bússolas ou mapas, pois é precisamente através dos mais confiáveis instrumentos de orientação que nos perdemos dos verdadeiros descaminhos.

IDIOSSINCRASIAS
ou
sílabas dentro de mim

ABJETOS

Para pendendo à beira do tempo,
assim, meio sem jeito e sem fim,
objeto meio sujeito,
trejeito meio assim,
que vem e vence o verso escasso,
uma sílaba dentro de mim,
uma língua e um ai sem fim,
a paulicéia onde me desfaço,
onde disfarço o medo e amarro o sim,
como se o filho daqui de onde nasço,
virasse logo um longo abraço,
voltasse ao ventre, num vago "vim".

E ao vir vindo com esse jeito vesgo,
sorrindo verbo e ruminando vento,
faz do fardo meio fato feito,
como a foto de um poeta inteiro
que se transforma em desfeita,
quando a poesia vomita
ou a palavra espreita.

Na linha que nem mesmo a letra traça,
quando finge que no fim me acaba,
dança a folha branca que não passa,
num compasso de janela e praça,
fingindo que minha rosa era para ela,
se para ela era tão só minha náusea,
que minha flor de prosa era dela,
quando a flor era de verso e trela.

(IN SOMNIA)

Trago os sapatos sujos de lama,
e, dentro, um pedaço mal pago de carne podre.
Asfalto, calçadas, pedintes, rosto adentro,
invadindo os olhos que varrem a praça,
rasgam os desenhos da retina tatuada,
e, interrompendo o passo que me leva, ouço ao grito, atento.

Trago saudades que deixaram em meus braços magros
e espero, sentado sobre meus ombros.
Perto a verdade espreira, longe um espelho quebra.
O homem sem sal caminha seus passos na praça,
refúgio-quarentena da desgraça alheia,
eternamente breve em seus escombros,
homem-ombros que à realidade sustenta.

Trago verdades esquecidas há pouco,
despejando goela adentro todos os pecados engolidos,
preenchendo pouco a pouco o músculo vasto,
imagem-sombra que abrigo num crescente,
tragando catarro em meu copo de leite ralo
quando dentro rompe o peito e queima a lágrima.
Mas fica o olho, incandescente e escancarado,
como cada pedaço da lembrança onde me guardo, estilhaçado.

Trago os prédios envernizados de uma cidade em pânico,
tijolo por tijolo de concreto armados e entalados na garganta, como um grito,
e junto à mão os cacos em transe da cabeça do cavalo-largo,
bebedouro da ordem indigesta em meu estômago,
ruminando a luz da aurora da cidade fria,
abandonada, mínima, Curitiba.

Trago tentativas de ternura e desespero,
lento agora em meu sucesso, resto abandonado de farrapos,
dos pés a caveira desvelado, permaneço Trapo por respeito,
e aguardo ainda, renegado pária da capital do mundo,
o medo abandonado que assedia o amor do corpo imundo.

DESTINO DESATINO

Quanto ao que ficou
não se sabe,
sou.

Seja assim como se fosse
não de agrado,
como o doce,
mas de desalinho,
como o vinho.

Ao que vem,
que não se fia,
não há gado
nem a cria,
pois na vida
quem não cala,
não pia.

ENCRUZILHADA

Do pouco que se ama na vida,
muito se derrama pela estrada,
um quanto sobre a ferida,
outro tanto vira em nada,
e aquele restinho que sobrou ali no canto, ó
é o que nos faz seguir em frente
(até a próxima enrascada).

CARTA-RESPOSTA AO POETA QUE FUI

Busco (que buscar é tudo),
e nesta busca algo me veio:
a leitura é muito mais
do que aguenta a literatura!
Acompanhe-me o pensamento:

É que o homem vive lendo,
desvendando a gramática do mundo,
e o violeiro do bar aqui da esquina
de analfabeto, encontrou versos, frases, rimas,
desencontrando-se pelas cordas do instrumento.

Tem também quem leia rostos,
como os padres e as ciganas,
como tem quem não dê cara ao tapa
sem que lhe leiam direto as tripas.
(esses sim não leem mais nada...)

Pobres coitados somos nós, companheiro,
que desde cedo
aprendemos a ler apenas
palavras.

OMURORUMO
ou
o caminho das pedras

O VARAL DO SONO

deixo secarem os meus sonhos
no sol da grama do meu jardim baldio,
pra que a chuva regue a terra onde me planto
com as ilusões
que derramei
pelas margens do caminho.

acordo com carlos
sussurrando baixinho:
 jamais esqueça
que no meio da pedra
 tem um caminho.

PASSOS

os caminhos que desconheço
 jazem dentro de mim,
como palavras das quais esqueço.
 deixando perdidas, a esmo,
as ruas que percorro
 nas esquinas de mim mesmo.

BÚSSOLA

quebrei meu gravador
e perdi minhas canetas
entre os lençóis e a seda
de uma deriva

agora é o cheiro de tinta preta
sem medo do nado vadio
que naufrágio inteiro me torna

verbo que deriva a esmo
nas marés de meu marasmo,
descubro-me nau frágil naufragando
no mais alto mar deste meu âmago.

POESIA EM GREVE

em minhas telhas já decantam letras,
ávidas por uma poesia cálida,
calam quietas nesse meu espanto,
que replica: é pena,
o poeta ter deixado a pena em casa.

sigo,
calmo e indeciso,
 impreciso ser que ser preciso,
permaneço,
 círculo inconciso.

BEIRA

canto
porque não há motivos
de ser
só pro meu encanto
tudo que encontro
no canto

AB(S)ORTO

a palavra pende da parede, crua
nuance de larva que devora
cada pedra da prisão que me separa
da palavra nua

outro dia
 havia um pássaro
no para-
 peito.

ele estava
 com medo
de um amor-
 perfeito

SEIOS

o par que me desperta,
na certeza do pecado,
a carícia certa,
do desprezo e do descaso
ao ocaso se releva,
qual cimento da poeira que o origina,
escuna que arribada
ao toque meu em tua vagina,
que o arrepio dos teus pelos flagra.

VOLÚPIA

lamber
, de teus pequenos lábios
, a saliva torpe
, amarga
, turva
, néctar de tua cona
vinho
, vale de veludo
: vulva

nu,
tua lembrança
se espalha
pela sala,
ausente.

imensa,
tua ausência
se derrama
pela cama,
nu

SINUCA DE BICO

são essas coisas
sem nome
 (que são tantas
e tão pequenas)
 abertas no peito
como imenso nada
 que me metem medo
e me deixam
 cem palavras...

SUPERFÍCIE

temer apenas a surpresa
de buscar o lugar dos olhos
e encontrá-lo escondido

na
margem
do
espelho

eu invento uma nação sem nome,
uma pátria de gente simples,
de um trabalho sob bandeira nenhuma,
de um respeito sem fardas ou estátuas,

e o faço sobre o papel,
em palavras
(neste corpo de pele branca que desconhece a fome...)

HAICOISAS
ou
o caminho dos espantos

BUDA VIA CRISTO

aquele dentre vós
que não tiver pecado
que dê a outra face.

DOCTRINA

querer apenas um tanto:
aprender de tudo
um espanto.

é preciso aprender a ser simples,
simplesmente para complicar
aqueles que te simplifiquem.

estrelas,
grãos de ilusão
no céu da tua boca

RADIOTELESCÓPIO

pobres astrônomos esses
tão ocupados, a desvendar o céu,
que nem têm tempo para olhar estrelas.

RASANTE

no vento da várzea
a pena
despede-se da asa

RASANTE II

despe-se de pena
no afagar da brisa
a asa pequena

RASANTE III

corta, precisa
a lâmina da asa
no olho da brisa

farfalha o vento
a folha
corre a correnteza

PERCUSSÃO

seco o coco,
toco o eco
e ouço o oco.

PERCUSSÃO II

coco seco,
toco o oco
e eco teço.

leminskiando, meio a esmo,
o verso encontra a rima
por si mesmo.

CATARSES
ou
o ato à toa

EU

cria
dor

cria
atura

TOA

a
to
a
o
ta
o

FOME E VONTADE

como
quero,
como

...

quero,
como
quero

.

LABIRINTO

tudo que conto
encontro no canto

tudo que encontro
me canta um conto

tudo que encanta
o encontro
conta

CUNNILINGUS

o
oco
boca
a
boca
posta
a
língua
pouca
a
oposta
roça
pasta
pelos
lábios
empala
dar
do
oco

PALIMPSESTO

ser-se
sem
se ser
sem
ser se
ser-se
Circe
sem
cir
cense
ser-se
ser
semente
ente
senci
ente
sem
se ser
se
sente
ser-se

CAMINHO DO MEIO

cons
tru
ir

cons
tante
mente

ab

strata

surda

soluta

mente

(muda)



**PROIBIDO
CALAR
CATARSES**

R. XX de Novembro

SOBRE O AUTOR



Mais conhecido na cena do audiovisual paranaense, **Diogo Marques** atua também como poeta desde o início dos anos 90. Tendo produzido algumas das primeiras experiências de videopoesia no estado, a maior parte de seus poemas textuais foi publicada de forma avulsa, figurando em coletâneas, festivais, concurso e periódicos independentes. Ainda na adolescência, teve poemas selecionados para a coletânea "Os Poetas" do concurso Helena Kolody de Poesia e recebeu Menção Honrosa pela seleção de seu poema "outro dia" para a coletânea do concurso Drummond de Poesia, em Porto Alegre. No início dos anos 2000, publicou poemas em diversas edições do Jornal de Letras da UFPR, o "Boca do Inferno", e, também na capital gaúcha, foi um dos selecionados no concurso Poemas no Ônibus e no Trem, na edição de 2011. Posteriormente, teve os videopoemas "nua" e "passos", produzidos pelo próprio autor, selecionados para o Festival do Minuto, e diversos de seus poemas musicalizados pelo irmão e músico Marx Cruz.

SOBRE A EDITORA



A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa (PR), pela escritora e jornalista Alessandra Pirroncello Bucholdz. Ao longo de 17 anos, lançou cerca de uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. Em 2024 foi finalista do Prêmio Jabuti Acadêmico, com a obra *EspeleoPiraí: em defesa do patrimônio natural de Piraí da Serra/PR*, organizada por Henrique Pontes e Laís Massuqueto.

Além da produção editorial, a ABC Projetos Culturais promove ações de incentivo à leitura, utilizando várias linguagens complementares, como forma de interação e interface do público com as obras. Desse modo, provoca novas experiências, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspiram e abrem janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

@abcprojetosculturais

SINOPSE

Reunindo em quatro etapas as diversas incursões do autor pelo universo da poesia, este “livro das memórias poéticas desconstruídas” apresenta alguns dos fragmentos mais representativos do caminho entre a descoberta juvenil da poesia e o maduro encontro do poeta com sua própria identidade. Em uma trajetória imprecisa e por vezes confusa, atravessando a suave coloquialidade leminskiana e a sóbria síntese semântica dos haicais, o leitor é convidado a conhecer desde os ingênuos e verborrágicos primeiros versos até os disruptivos experimentos intertextuais que marcaram essa estranha e bela jornada pelos encantos do mais profundo fazer poético.

[POESIA]

